AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL EM REGIÃO DE FRONTEIRA[1]

GT8: Comunicação Popular, Comunitária e Cidadania

Marcos Severino de Borba[2]
Neli Fabiane Mombelli[3]
Universidade Federal de Santa Maria – RS - Brasil

Resumo

Este artigo tem como objeto o Diz Aí Fronteiras, coordenado pelo Canal Futura, uma fundação de caráter social voltada para a comunicação. O projeto, que é financiado pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina, desenvolveu oficinas de produção audiovisual e de cidadania nas fronteiras entre Brasil, Argentina e Uruguai para cerca de 200 jovens no início de 2014 e contou com a parceria das organizações não-governamentais TV OVO (Santa Maria-RS), Camp (Porto Alegre-RS) e Câmara Clara (Florianópolis-SC). O objetivo é analisar o papel do processo de formação audiovisual dos alunos do projeto. Para isso, trabalhamos com a metodologia da pesquisa-ação, já que os pesquisadores ministraram oficinas no Diz Aí Fronteiras. Os resultados apontam para o audiovisual como uma importante ferramenta para a transformação social, pois, ao pensar a sua produção e realizá-lo coletivamente, os jovens têm a possibilidade de debater aspectos sobre suas identidades. Mais do que aprender a técnica

[1] Artigo produzido para o GT 8 – Comunicación popular, comunitaria y ciudadanía – Alaic 2014.
[2] Mestrando do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail marcos@tvovo.org
[3] Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, e-mail nelifabiane@gmail.com

audiovisual, as oficinas permitem a integração e a reflexão sobre quem eles são em uma região de fronteiras.

Palavras-chaves: identidade, fronteira, audiovisual, jovens, cidadania.

Introdução

Que representação você tem sobre a região de fronteiras? Se levarmos em conta os grandes veículos de comunicação, na maioria das vezes, esses locais são apresentados como zonas conflitantes, de contrabando de pessoas, drogas, produtos, etc. Contudo, a fronteira necessita ser vista por outro ângulo. Nada melhor do que esse ponto de vista ser articulado por quem mora nas linhas fronteiriças e, ainda mais, por quem é jovem.

O barateamento de equipamentos e a crescente democratização de produção de conteúdos permitem que qualquer pessoa possa registrar o que se passa na sua rua, na sua comunidade, de uma forma simples, como uma câmera de celular, por exemplo, e numa velocidade muito rápida, tendo a capacidade de circular pelo mundo todo. Se circula ou não, é outro debate, mas potencialidade para isso há a partir da internet.

Considerando este contexto, vídeos tornam-se importantes quando pensamos o quanto a sociedade tem se tornando visual, retiniana. Não vivemos mais sem imagens em movimento. E esse tipo de ferramenta tem uma grande capacidade de produção de sentidos, de mobilização e, se bem usados, podem se tornar em discursos contra-hegemônicos e provocar reflexões que até então a mídia hegemônica não abordava.

É a partir dessas inquietações que surge o projeto *Diz Aí Fronteiras*, que é coordenado pelo Canal Futura - uma fundação de caráter social voltada para a comunicação. O Canal, criado em 1997, tem sede no Rio de Janeiro e é mantido pela iniciativa privada e pelo terceiro setor. Por sua vez, o *Diz Aí Fronteiras*, que é também o nome da temporada de um programa do Futura, é financiado pelo CAF (Banco de Desenvolvimento da América Latina) e tem a parceria das organizações não-governamentais TV OVO (Santa Maria-RS), Camp (Centro de Assessoria Multiprofissional, de Porto Alegre-RS) e Instituto Câmara Clara (Florianópolis-SC), que são responsáveis por trabalhar com oficinas de formação cidadã e de produção audiovisual em região de fronteira para a realização de cinco episódios sobre o tema para sem exibidos na programação do Canal Futura.

Uma das premissas desta temporada do interprograma do Canal Futura é realizar a formação em cidadania, audiovisual e outras habilidades de comunicação, com jovens das fronteiras do Rio Grande do Sul, estado mais ao sul do Brasil, para fortalecer o desenvolvimento local e a transformação social. As fronteiras escolhidas são a de Santa do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) e Uruguaiana (Brasil) e Paso de Los Libres (Argentina).

O objetivo deste trabalho é analisar o papel do processo de formação audiovisual dos alunos do *Diz Aí Fronteiras*. Deste modo, utilizamos a metodologia da pesquisa-ação para compreender nosso objeto, uma vez que os pesquisadores ministraram oficinas no projeto. Para Michel (2005, p.35), a pesquisa-ação, é “um tipo de investigação social com base empírica, é vivenciado (…). O envolvimento do pesquisador na ação é parte integrante da pesquisa”. Nossa participação como ministrantes das oficinas de formação audiovisual nos dão bases, portanto, para relacionar e confrontar nossos conhecimentos teóricos com a experiência prática nas oficinas do projeto *Diz Aí Fronteiras.*

Diz Aí: a voz dos jovens na televisão

Mais do que uma série de interprogramas[4] para televisão, o *Diz Aí* tem se caracterizado por ser um espaço onde a juventude pode discutir e refletir sobre temas que dizem respeito a sua realidade. Realizado pelo Canal Futura desde 2008, o interprograma busca a voz dos jovens sobre questões em que eles são protagonistas. As discussões perpassam os temas da sexualidade, cultura, cidadania, das relações étnico-racial e de gênero, mercado de trabalho, meio ambiente, geração de renda, acesso às tecnologias, combate à seca, entre outros. No blog do Diz Aí[5] é possível conhecer todos os interprogramas que fazem parte da série.

Nosso objeto de estudo são as oficinas preparatórias para a sétima temporada, denominada *Diz Aí Fronteiras.* Pela primeira vez o interprograma deixa ser somente um espaço para que os jovens falem a respeito da sua realidade e passa a trabalhar também na formação audiovisual e cidadã dos participantes. Para desenvolver este projeto, o Canal Futura buscou articular associações e entidades que têm atuação social em cada uma das cidades que recebeu o projeto. Os jovens participantes são moradores das cidades de Santana do Livramento (BR), Rivera (UR), Uruguaiana (BR) e Paso de Los Libres (AR). Cinco jovens de cada cidade foram indicados por entidades não governamentais para serem dinamizadores do projeto. Destacamos que havia também um representante da cidade de Cerro Pelado (UR), que se localiza a pouco mais de 70 km de Rivera, e de Bonpland (AR) que fica a 50 km de Paso de Los Libres.

[4] O Canal Futura denomina de interprogramas as produções audiovisuais de até 7 minutos que são exibidas nos intervalos dos programas da grade da emissora.
[5] www.dizai.org.br

Na primeira etapa do projeto, os 20 jovens tiveram três dias de formação em Uruguaiana. As atividades foram coordenadas pelo Camp[6], de Porto Alegre, e tiveram como base a metodologia da educação popular, com ênfase nas discussões sobre cidadania e transformação social. O Camp é uma organização não governamental, fundada em 1983, que desenvolve projetos de organização coletiva em busca da democracia, justiça social e da sustentabilidade ambiental.

Ainda, nessa etapa, os jovens trabalharam alguns conhecimentos básicos sobre comunicação e audiovisual, que foram ministrados pela TV OVO[7]. Criada em 1996, a Oficina de Vídeo - TV OVO é uma associação sem fins lucrativos que trabalha na formação social e técnica de jovens, utilizando o audiovisual como ferramenta para o desenvolvimento da criatividade, ação coletiva e comunicação comunitária. A entidade, ao longo de sua história, sempre atuou para capacitar jovens de periferias. O foco são os conteúdos na área do audiovisual que se entrelaçam com a prática da produção da comunicação comunitária, relacionando teoria e prática para que os jovens possam olhar de forma diferente o cotidiano do local onde vivem e registrá-lo a partir do seu ponto de vista.

O Instituto Câmara Clara[8] é uma associação sem fins lucrativos que iniciou suas atividades em 2007. Seu trabalho é voltado para o registro, preservação e difusão do patrimônio material e imaterial, trabalhando com acervos fotográficos e registro audiovisual. A tarefa que coube ao Câmera Clara no *Diz Aí Fronteiras* foi gravar todas as atividades do projeto para, ao final, juntamente com alguns jovens, produzir cinco episódios de sete minutos sobre a fronteira que serão exibidos na programação do Canal Futura.

---

[6] www.camp.org.br
[7] www.tvovo.org
[8] www.camaraclara.org.br

Esta primeira etapa do projeto teve a intenção de formar 20 jovens para que eles fossem os dinamizadores da segunda etapa, que envolvia a seleção de mais 45 jovens em cada cidade da fronteira, totalizando 200 jovens integrantes do *Diz Aí Fronteiras*.

Jovens, identidade e fronteira

Os jovens que participaram como dinamizadores do *Diz Aí Fronteiras* não se conheciam. Para que eles pudessem se conhecer e formar vínculos, o Camp realizou uma dinâmica de apresentação para os participantes, chamada linha do tempo. A proposta tinha como objetivo apresentar a trajetória de vida de cada participante. Para isso, eles deveriam escrever em cartelas fatos importantes das suas vidas.

Esse lugar de fala, instigado já no início das atividades, fez com que os jovens buscassem aspectos pessoais importantes que pudessem representá-los para o grupo. Mesmo que cada um tenha apresentado situações particulares, é possível compreender e relacionar o contexto histórico, social e cultural de forma coletiva, pois muitos relatos se complementavam ou possuíam aspectos semelhantes. Essa autorrepresentação é um dos pontos fundamentais para a constituição de identidades.

> A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornece possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os

> indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 1999, p. 17).

Entendemos esses momentos, onde são compartilhadas histórias de vida, como um espaço que permite constituir uma identidade coletiva no grupo. Esses jovens irão trabalhar num projeto de comunicação para a transformação social, um dos objetivos do *Diz Aí Fronteiras*, e, deste modo, eles necessitam de um caldo de cultura comum. Esta identificação com o que é diverso é fundamental para a constituição da nossa identidade, pelo menos por um tempo.

> A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1999, p. 13).

Como o projeto *Diz Aí Fronteiras* se desenvolveu por etapas, era fundamental que os 20 jovens dinamizadores discutissem e compartilhassem suas opiniões de forma coerente sobre o projeto. Esta soma de individualidades formou a identidade coletiva necessária para que o processo de formação pudesse se desenvolver. Ainda no primeiro dia de oficna, a TV OVO, responsável pela formação audiovisual, realizou uma atividade que dividiu os jovens em grupos para que eles ocupassem as funções de câmera, entrevistador e entrevistado.

Outro debate que os jovens dinamizadores participaram foi sobre a constituição de identidades na fronteira e como o Estado e a mídia reforçam as diferenças entre países para a criação de uma identidade nacional. Divididos em grupos, por

nacionalidade, os dinamizadores deveriam debater sobre os conceitos que cada grupo tinha sobre o outro, quais os estereótipos, quais as diferenças sociais, que elementos uniam e separavam os jovens nas regiões fronteiriças.

Essa questão foi importante para o projeto, pois a discussão de identidades está ligada a uma relação de diferença com o outro. Os conceitos, ou pré-conceitos, que um grupo atribuiu ao outro faziam parte do senso comum, baseado na separação dos que estão próximos e também dos sentidos que são criados para a constituição de uma identidade nacional hegemônica. Discutir sobre fronteira é entender as diferenças e semelhanças das identidades que constituem esse espaço de troca e imbricamentos, visto que as identidades nacionais se constituem a partir da ideia de unidade dentro do seu território, o que Benedict Anderson (1989) chamou de "comunidade imaginada" no seu livro *Nação e consciência nacional*.

A afirmação da identidade brasileira, argentina ou uruguaia é marcada pela diferença entre "nós e eles" (WOODWARD, 1999), assim como com qualquer outra nacionalidade. A identidade nacional, construída historicamente pelo Estado, se baseia na ideia geral de unidade da nação, produzindo um apagamento de outras identidades possíveis, como a identidade de fronteira.

A constituição dos limites dos Estados-Nação geralmente aconteceu de forma conflituosa e não levou em conta os elementos culturais comuns entre os povos que estavam nesses locais, visto que "as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação" (Hall, 1999, p. 48). Para justificar a ideia de uma identidade nacional, os Estados reforçaram as diferenças, pois, a constituição de identidades é relacional e necessita da diferenciação entre quem somos nós e quem é o outro.

Deste modo, os jovens dinamizadores do projeto *Diz Aí Fronteiras* iniciaram, a partir do debate entre os grupos de cada país, a constituição de uma identidade comum, uma identidade de fronteira, que podemos chamar de identidade de projeto, como denomina Castells (2006), uma vez que eles vivem numa região marcada pela troca e intercâmbio cultural e entendem esses traços como uma identidade única, que lhes diferencia do restante de seus países.

Castells (2006, p. 24) propõe que as identidades podem ser pensadas a partir de três núcleos de formação: podem ser legitimadoras, que são aquelas constituídas a partir das instituições dominantes, como escolas, igrejas, o Estado; podem ser de resistência, que são construídas por atores sociais que, em posições de grande estigma e/ou desvalorizadas, buscam novas formas de sobrevivência, de maneira a gerar oposição ao domínio; e as identidades também podem ser de projeto que, conforme Castells (2006), constitui-se ao passo que atores sociais se utilizam de algum bem cultural como forma de redefinir seu lugar na sociedade, isto é, transforma a relação com o espaço social vivido. A proposta do *Diz Aí Fronteiras* trabalha para que os jovens possam interferir na realidade onde eles vivem, utilizando o audiovisual como ferramenta para essa realocação e para que também tenham uma atuação mais direta na sociedade.

Outro ponto importante dessa primeira etapa foi a discussão sobre como a mídia hegemônica reforça as diferenças e prioriza determinados grupos da sociedade. Vivemos num mundo globalizado, onde existe uma facilidade de distribuição de conteúdos midiáticos para todos os países. A mídia hegemônica é entendida por nós como as grandes corporações produtoras de conteúdos para o cinema, jornais de grande circulação e, principalmente, as redes de televisão. Essa saturação de programas padronizados não dá espaço para uma produção que discuta as identidades que se constituem com foco local, regional ou fronteiriço. Morigi (2004) fala que os sentidos de identidade são banalizados e transformados em

mercadorias pela mídia hegemônica.

Para pensar sobre esses aspectos, os jovens foram divididos em grupos, sendo que cada um recebeu a denominação de um grupo da sociedade. Por exemplo, havia o que representava os donos do capital (banqueiros, empresários multinacionais), o que representava os negros, outro representava as mulheres, um representava os gays e minorias e a classe média também foi representada por outro grupo. Os jovens receberem vários jornais de circulação nacional no Brasil e deveriam procurar matérias que abordassem cada um dos grupos. No debate, eles perceberam que geralmente a mídia hegemônica representa, na grande maioria das vezes, somente os grupos que estão no poder, como os banqueiros, políticos e classe média alta.

Assim, existe uma cultura veiculada pela mídia hegemônica que busca a padronização dos sentimentos e identificações, pois "o rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente" (KELLNER, 2001, p. 09) e também do que é ou não é a cultura nacional. As formas narrativas, as imagens e os sentidos que são criados pela mídia apresentam padrões para nos indentificarmos.

> As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo hoje. A cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global (KELLNER, 2001, p. 09).

A proposta é a de que os jovens integrantes do *Diz Aí Fronteiras* quebrem com a lógica hegemônica. Essa leitura do mundo faz parte da formação em cidadania e comunicação, visto que esses jovens irão motivar e trabalhar com outros jovens para a produção audiovisual da série *Diz Aí Fronteiras*, que pretende falar sobre a realidade de fronteira em que eles vivem. Isto implica em temas e narrativas que comumente não são abordados pelos veículos de comunicação.

Após a formação dos 20 dinamizadores, a segunda etapa do projeto compreendeu a formação de quase 200 jovens brasileiros, uruguaios e argentinos que, durante quatro dias nos meses de janeiro e fevereiro de 2014, foram desafiados a pensar diferente, a buscar outros pontos de vista, a falar e a ouvir, numa mistura de idiomas e dialetos, de etnias, grau de escolaridade e classes sociais, em duas regiões de fronteira que tinham como cidades polo das oficinas Santana do Livramento (BR) e Uruguaiana (BR). É nesta segunda fase do projeto que focamos nossa análise.

Audiovisual para a transformação social

Em Riveramento, como é chamada a fronteira entre Santana do Livramento (BR) e Rivera (UR), a divisa de territórios é uma linha imaginária. Não há uma separação com barreiras entre as duas cidades. Há apenas um obelisco e a bandeira de cada país de cada lado. São duas cidades em uma só, onde o trânsito é livre para entrar e sair dos dois países a qualquer momento. A própria língua (português e espanhol) se transforma numa mistura, um dialeto, sobre o qual os jovens dizem não ser entendidos quando vão para grandes centros urbanos de seus países, devido a grande diferença da forma de falar.

As oficinas nesta fronteira reuniram cerca de 40 jovens brasileiros e 40 uruguaios, indicados por instituições sociais. As oficinas foram divididas em quatro módulos:

criação, linguagem audiovisual, produção e gravação, edição e postagem em blog, cada uma ministrada por dois integrantes da TV OVO. Os 80 jovens foram divididos em quatro grupos a partir de sorteio. Nos dois primeiros dias, cada grupo participou dos quatro módulos de forma aleatória. Também foi durante esse período que eles criaram e desenvolveram a ideia audiovisual do vídeo de cada grupo para ser gravado no terceiro dia, editado e apresentado no quarto e último dia de formação.

Os jovens participantes das oficinas eram de uma larga faixa etária, indo dos 13 aos 29 anos, e de diversas classes sociais. Embora a diversidade fosse grande, os grupos funcionaram muito bem e o resultado da oficina superou as expectativas, chegando a produção de vídeos com temáticas interessantes, produzidos pelos próprios jovens.

Os temas definidos foram contrabando, discriminação, música e encontros e desencontros. Para os jovens, essas questões eram as que mais lhes representavam, partindo da ideia de semelhanças e diferenças. A proposta era a de que eles buscassem elementos que simbolizassem o jovem da fronteira, mas que não fossem necessariamente características de seus países.

Assim, a proposta da ideia audiovisual sobre o contrabando[9] era a de mostrar de como essa questão é naturalizada para populações fronteiriças, mas que legalmente é considerada como crime. O vídeo objetivava mostrar que o contrabando de produtos ocorre não por má índole, mas por necessidades econômicas, já que alguns produtos são mais baratos do outro lado da fronteira. O contrabando não se dá para revender, mas por questões de sustento das famílias.

[9] Vídeo sobre contrabando: http://www.youtube.com/watch?v=bmT5flvmO_0&list=PLNM2T4DNzmq74hBcH58fpIVNAZd_0tGdm

O tema da discriminação[10] envolvia diversas questões, trabalhando basicamente com o preconceito estereotipado como cor de pele, altura, peso, tatuagens... Isto é, problemas que não só os jovens, mas também eles, enfrentam no dia a dia. A ideia era de provocar reflexão sobre a proposta de que somos diferentes, mas iguais, com os mesmos direitos e deveres de cidadão.

Já o vídeo sobre a música[11] trouxe os diversos estilos musicais ouvidos pelos jovens da fronteira e reuniu todos para dançar no marco da divisa, juntos, cada um ao seu estilo. E o vídeo sobre encontros e desencontros[12] foi mais de estilo documental, em que uma dupla de jovens, um de cada país, conversava em forma de relato sobre os pontos comuns e divergentes entre as duas cidades, falando principalmente a respeito das festas, já que num determinado dia da semana o ponto de encontro de todos os jovens é numa cidade e noutro, a festa ocorre do outro lado.

Já a fronteira entre Uruguaiana (BR) e Paso de Los Libres (AR) é bem demarcada. Há uma ponte de pouco mais de 2 km de extensão que separa as duas cidades. Essa barreira faz com que as dificuldades de comunicação aumentem, uma vez que os brasileiros têm dificuldades para aprender o espanhol. Já os argentinos não dominam o português, mas para eles é mais fácil, uma vez que assim como em Rivera, a frequência das ondas do rádio e o sinal de televisão de veículos brasileiros chegam a Paso de los Libres.

Além do rio que separa as duas cidades, a entrada na aduana Argentina é bem rigorosa. Podem entrar somente brasileiros maiores de 18 anos com o documento de identidade (Registro Geral) ou passaporte. Outros documentos não são

[10] Vídeo sobre discriminação: http://www.youtube.com/watch?v=BKHBpjOm20&list=PLNM2T4DNzmq74hBcH58fpIVNAZd_0tGdm
[11] O vídeo ainda não está disponível online.
[12] O vídeo ainda não está disponível online.

aceitos. Menores de 18 só podem ingressar acompanhados dos pais, e na falta de um deles é preciso ter um documento registrado em cartório autorizando o menor a entrar em Passo de los Libres. Essas regras dificultam a relação entre os habitantes das duas cidades, principalmente dos jovens.

Cerca de 30 brasileiros e 30 argentinos participaram da oficina em Uruguaiana. A metodologia da oficina foi a mesma de Riveramento. No entanto, as características dos jovens mudaram bastante. A faixa etária ficou em torno dos 13 aos 24 anos, tendendo mais para adolescentes. As classes sociais eram de camadas mais baixas. Os jovens apresentavam muita dificuldade em relação à gramática e a impressão que tivemos é que poucos deles tinham intimidade com computadores. Outra característica é de que, nos dois primeiros dias, havia um preconceito entre os países. Ali, parecia que as diferenças se sobressaltavam e as identidades nacionais, aquela noção de "comunidade imaginada", eram mais fortes, uma vez que não há uma integração entre fronteiras.

Essa grande diversidade e as dificuldades apresentadas pelos jovens fizeram com que o foco das oficinas se voltasse mais para a formação cidadã, de forma que o produto audiovisual fosse trabalhado muito mais como processo para promover essa integração do que como um produto que pode ser utilizado para fazer transformações. Assim, os jovens discutiram as temáticas e definiram os roteiros, mas a parte de gravação e edição foi mais um momento de atuação como personagens e de acompanhamento do que como prática de linguagem audiovisual.

Os temas abordados refletiram em muito a realidade que eles vivem, sendo eles barreiras, oportunidades, diversidade, e o jovem e a política. No vídeo sobre barreiras[13], os jovens mostraram pessoas separadas por uma barreira invisível,

[13] O vídeo ainda não está disponível online.

que tentam se comunicar, mas são impedidas pela diferença de idiomas e por um guarda que evita a passagem, representando o poder do Estado. Quando o guarda deixa o seu posto, a barreira se quebra e as pessoas conseguem intercambiar.

O vídeo oportunidades[14] conta a história de um jovem que é desencorajado de seguir seus sonhos. Atormentado por pesadelos com uma escada, cuja subida até o fim significava enfrentar seus medos. A proposta audiovisual aborda um dos grandes problemas enfrentados pelos jovens dessa fronteira, que é a falta de oportunidades no mercado de trabalho e na educação. Quem deseja seguir uma faculdade, por exemplo, vê-se obrigado a deixar sua cidade, pois em Paso de los Libres não há universidades e em Uruguaiana há a Universidade Federal do Pampa (Unipampa), mas que oferece apenas sete cursos de graduação.

O tema diversidade[15] contou a história de um professor brasileiro, cujos alunos eram brasileiros e argentinos, que em sala de aula demonstrava seu preconceito em relação à Argentina, principalmente no que se refere ao futebol. Essa situação gera polêmica na sala de aula fazendo com que a turma se una e mostre ao professor que ele deve respeitar as diferenças e eliminar seus preconceitos.

Por fim, o vídeo jovens e política[16] registrou a opinião dos integrantes do grupo a respeito da importância de a juventude ter consciência política e defender seus direitos participando de forma ativa na sociedade. Também foi uma forma de refletir sobre as diferenças de atuação dos jovens no Brasil e na Argentina e do espaço que eles ocupam na política nos dois países.

---

[14] Vídeo sobre oportunidades: http://www.youtube.com/watch?v=RVOrTQ67t90&list=PLNM2T4DNzmq74hBcH58fpIVNAZd_0tGdm

[15] O vídeo ainda não está disponível online.

[16] Vídeo sobre jovens na política: http://www.youtube.com/watch?v=KDBqRCtDVZs&list=PLNM2T4DNzmq74hBcH58fpIVNAZd_0tGdm

A produção audiovisual, de forma distinta em cada fronteira, instigou os jovens a pensar sobre seu lugar no mundo e proporcionou que eles refletissem e expusessem suas opiniões e fossem escutados por mais jovens e também por adultos. A manifestação em vídeo foi uma forma de materializar as inquietações dos grupos, e também de provocar a troca e a integração de pessoas que até então não se conheciam. Amizades se formaram e ideias foram plantadas para germinarem.

Pudemos ter um retorno mais objetivo das oficinas a partir das avaliações que solicitávamos a todos ao final de cada dia. Entre os relatos destacamos alguns que demonstram como o audiovisual pode ser uma ferramenta para a transformação social, por exemplo, quando um dos jovens diz que "(...) é uma coisa que vai ficar marcada pra sempre, adorei muito conhecer pessoas novas e entender que apesar de sermos de países diferentes, temos muitas coisas em comum." (E. F., Santana do Livramento, Brasil).

Entre os depoimentos, estava um que chamou a atenção em especial, por abordar o audiovisual como uma forma de educação: "Poderia haver mais projetos assim. Eu contava para minha mãe como ele funciona e ela ficou encantada e disse que adoraria que as escolas fossem assim [...) volto a refletir: é incrível ver tuas ideias feitas em imagens" (S., Bonpland, Argentina, tradução nossa).

As oficinas permitiram que os jovens repensassem suas formas de ver o mundo e, principalmente, a forma como enxergam o outro lado da fronteira. "(...) Gostei muito da produção de vídeos porque [pudemos] ver a realidade das pessoas de Rivera e Livramento. Foi muito bom de viver esta experiência nova! Espero poder continuar com os colegas que nós todos somos um só grupo 'Diz aí Fronteiras'." (P. L., Santana do Livramento, Brasil).

O projeto permitiu criar laços de identificação e amizades que ultrapassam as barreiras das diferenças que até então se estabeleciam. Porque há também, em cada país, uma cultura de estranhamento em relação ao que vem dos limítrofes de cada nação. Esses laços são percebidos em depoimentos como este: “Infelizmente este é o último dia, porém esses quatro dias foram suficientes para criar grandes vínculos de amizades que jamais serão esquecidos” (L., Uruguaiana, Brasil). Ou ainda, como o que segue:

> O dia de hoje foi muito interessante e divertido. A parte de linguagem nos deixou uma mensagem muito linda de que todos somos iguais, ninguém é melhor que o outro. Gostei muito também da parte de produção e gravação, que através de imagens podemos transmitir uma mensagem (S/N, Argentina, tradução nossa).

Ressaltamos também a voz dos jovens, isto é, o *Diz Aí Fronteiras* foi um espaço onde eles puderam expor suas ideias sem serem repreendidos por isso. Eles puderam trocar informações e amadurecer suas opiniões a partir de outras perspectivas que talvez não tivessem tido anteriormente.

> Este segundo dia de capacitação foi muito bom! O pessoal desfrutou das oficinas e isso é o que mais gosto. Hoje descobri que me interessa bastante a edição e postar em blog me pareceu uma ferramenta muito importante para que os jovens mostrem suas opiniões (Y. E., dinamizadora Bonpland, Argentina, tradução nossa).

E expor opiniões também significa deixar a timidez de lado e exercitar o lugar de

fala.

> No início, quando cheguei, era um pouco estranho estar com pessoas desconhecidas e poder compartilhar minhas opiniões. (...) É uma experiência única poder me desenvolver [perder a timidez] e conhecer outras pessoas. Acredito que é um intercâmbio cultural único. Muito lindo poder participar, aprender e estar aqui... Apesar de eu ter um pouco de vergonha, mas isso não importa (M. P., Rivera, Uruguai, tradução nossa).

Dentre as centenas de avaliações que recebemos, procuramos selecionar aquelas que exemplificassem a importância da formação cidadã das oficinas de produção audiovisual. Houve muitos comentários em relação a parte técnica das atividades, que mencionavam as novidades que estavam aprendendo. “Hoje me encantei porque me senti gravando um filme. Muito legal ser da produção e ver como funciona uma gravação.” (S/N, Uruguai, tradução nossa).

> “Diz Aí Fronteiras me ensinou várias coisas que vou levar para a vida toda. Não só a grande experiência de ter produzido um vídeo audiovisual e ter aprendido várias coisas sobre o assunto, mas também a grande oportunidade de ter convivido com pessoas da Argentina e de ter conhecido um pouco sobre a cultura deles. Estou muito feliz por tudo e vou sentir muitas saudades e levar só coisas boas daqui” (N. F., Uruguaiana, Brasil).

Entre as semelhanças e diferenças, entre a possibilidade de opinar, entre os aprendizados audiovisuais, entre a criação e a brincadeira, o *Diz Aí Fronteiras*

também foi escolha e significou mudança: “(...) Fico sem palavras para descrever o quanto isso é importante. Fico feliz em ter essa oportunidade de estar aqui hoje, foi uma das minhas melhores escolhas” (C. P., Santana do Livramento, Brasil).

São estas avaliações que nos permitem entender e refletir sobre a importância da formação audiovisual como ferramenta de transformações social. A partir dos exercícios propostos, os jovens, mesmo que em um curto período de tempo, deram um retorno que superou nossas expectativas. Discussões sobre cidadania, reflexões sobre o papel dos jovens na sociedade e democratização dos conhecimentos de produção audiovisual potencializaram o sentimento de grupo e instigaram a formação de uma identidade de projeto, uma identidade de fronteira, do *Diz Aí Fronteiras.*

Considerações finais

O *Diz Aí Fronteiras* foi um projeto, que mesmo com curta duração, desencadeou processos de envolvimento e de continuidade. Não foi uma ação passageira. Já nas primeiras reuniões com as entidades não-governamentais de cada cidade, houve busca pela participação social, já que a articulação do Canal Futura se limitou apenas às instituições governamentais. Os jovens dinamizadores, indicados por essas instituições já tinham, de certo modo, uma participação ativa na sociedade. Por isso, a formação dos dinamizadores teve um importante papel para articular a segunda etapa das oficinas, na medida em que eles auxiliavam na elaboração dos temas para os vídeos e fomentavam as discussões, complementando as questões instigadas pelos oficineiros da TV OVO.

Participar dos debates sobre como a mídia hegemônica se estrutura e como um produto audiovisual é produzido lhes deu bases para pensar em como eles gostariam de ser retratados por uma produção audiovisual, reforçando suas

identidades de jovens de fronteira, que por vezes é diferente e conflitante em relação a representação veiculada pela grande mídia. Essa formação se refletiu nas discussões da segunda fase das oficinas, pois o número de jovens foi bem maior, sendo imprescindível a integração entre oficineiros e dinamizadores para que as reflexões com o grande grupo pudessem ser instigadas e render.

O papel do processo de formação audiovisual dos alunos do *Diz Aí Fronteiras* ultrapassou as barreiras da diferença e dos preconceitos, colaborando para a transformação social na medida em que os jovens tiveram a possibilidade de conhecer o que se passa do outro lado da sua fronteira e debater aspectos sobre suas identidades, sobre o que os une, os separa e os exclui do restante do seu território nacional. Além disso, produzir um vídeo significa trabalho coletivo. Mais do que aprender a técnica audiovisual, as oficinas permitiram a integração e a reflexão sobre quem eles são em uma região de fronteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Casttels, M. (2006). *O poder da identidade***.** São Paulo: Paz e Terra.

Hall, S. (1999). *A identidade cultural na pós-modernidade*. RJ: DP&A.

Kellner, D. (2001). *A cultura da mídia***.** Bauru, SP: EDUSC.

Michel, M. H. (2005). *Metodologias e pesquisa científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Morigi, V. J. (2004, dez.). Teoria Social, Comunicação: Representações Sociais, Produção de Sentidos e Construção dos Imaginários Midiáticos. In: *Revista Eletrônica E-Compós,* (1). Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/9/10>.

Woodward, K. (1999). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Silva, T. T. da (org.) *Identidade e diferença*: *a perspectiva dos Estudos Culturais.* (1ª ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.